

SIQUEIRA, Paranhos de. Orfanato Nossa Senhora do Calvário. Diário do Povo, Campinas, 20 abr. 1975.

# Orfanato Nossa <sup>20/4/75</sup> Senhora do Calvário

*Diário do Povo*

PARANHOS DE SIQUEIRA

Quem acompanha a minha atividade de articulista na imprensa local, sabe do interesse com que sempre tratei, pelo jornal, dos assuntos inerentes às casas de benemerência que ajudam, que amenizam, enfim, a existência daqueles que, como diria Humberto de Campos, "não têm nada e precisam de tudo, ao lado daqueles que têm tudo e não precisam de nada".

Foi assim que, aí por volta de 1941, dei ampla cobertura ao movimento que visava construir um Orfanato em que se pudesse recolher o grande número de crianças sem pais, existente em Campinas. Desde que a idéia foi lançada por um grupo de senhoras da nossa alta sociedade, procurei ajudar a obra com o único haver que tinha naquela hora: a modéstia da minha pena.

A cidade entendeu o apelo daquelas almas generosas que se preocupavam, lá em cima, com a sorte das crianças órfãs, aqui embaixo. O Dr. Hoche Segurado elaborou gratuitamente o projeto do edifício — trabalho de grande expressão técnica e prática para Campinas daquela hora. O Dr. Lix da Cunha, por sua vez, administrou, também gratuitamente, a construção da obra. Eram dois profissionais conscientes, zelosos ambos da sua missão humana, que se juntavam num canteiro de serviço para dar a esta terra o Orfanato de que ela tanto carecia.

A luta foi grande. Mas a iniciativa conseguiu capitalizar a simpatia pública. E isso de tal maneira que, em abril de 1942, a casa estava pronta e recebia o "habite-se" por parte dos poderes municipais. Era, repito, para a ocasião, uma obra grandiosa. Ocupava, como ocupa, toda uma quadra às proximidades da Igreja do Cambuí.

Era o milagre da caridade pública operado através do esforço daquele grupo de senhoras, cujos nomes não alinhio aqui, neste instante, para não incorrer, por falha de memória, no pecado da omissão. Cito apenas, numa homenagem de respeito à sua grande figura de criatura de fé e ação, o nome da Irmã Cecília, que devia ter uma estátua de corpo inteiro lá dentro — tal foi o empenho, tal foi a coragem com que se lançou à execução daquela obra.

Pois bem. A obra foi concluída. E, mais do que isso, imediatamente povoada pelas crianças órfãs que ali se recolheram. A Irmã Cecília, com cujas lágrimas de sacrifício amassou ali, nas caçambas do Tempo, o barro em que se assentaram os tijolos da casa, foi recolhida à sombra do seu claustro, isto é, afastada do Orfanato que ajudou a erguer — porque é esse, na verdade, o destino de quem serve sem se servir.

Passados os anos, quero saber como vai o Orfanato. E sou informado de que lá não há mais Orfanato. Sou informado de que a instituição foi transformada, de Orfanato Nossa Senhora do Calvário, em Sociedade de Educação e Beneficência. Quer dizer: passou de casa para criança órfã à casa para senhoras velhas. Parece até que se vendeu lá um pedaço do terreno cuja compra custou tanto ao grupo de senhoras que construiu o Orfanato, em 1941-42. Simplesmente foi vendido. E nada mais foi dito, nem foi perguntado...

Aqueles que doaram tudo ontem, para que houvesse ali um Orfanato, não sabem hoje por que há ali um Asilo.

Esta é a verdade.

Para abrigar a velhice desamparada, Rafael de Souza Queirós construiu em Campinas talvez o melhor Asilo existente no interior do Estado. Então, as senhoras velhas que estão na Sociedade de Educação e Beneficência tinham para onde ir, tinham onde ficar. E as crianças órfãs que lá estavam, para onde foram? Se Campinas não tem, até hoje, um Orfanato à altura de suas necessidades, e tem o melhor asilo de São Paulo, por que se transformou, sem mais esta nem aquela, o Orfanato Nossa Senhora do Calvário em Sociedade de Educação e Beneficência?

É uma explicação que os doadores e os construtores do Orfanato precisam receber. A casa seria mais útil à velhice desamparada, que está chegando ao fim da vida, do que à criança órfã, que está começando a sua? Por que se transferiu àquela uma casa que foi erigida especialmente para esta?

A pergunta fica aí, no ar. Sei que, a esta hora, a Irmã Cecília está de olhos arregalados, assustada.

— Pelo amor de Deus, seu Paranhos! Deixe isso prá lá...

Mas o povo gostaria de saber. Eu também gostaria de saber.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE025291